



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2018 – MOBILIN 2018

EDITAL Nº 1 – COPERPS, DE 08 DE JANEIRO DE 2018

18 de fevereiro de 2018

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA III – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES I

**Administração; Arquivologia; Biblioteconomia; Ciências Econômicas;
Ciências Contábeis e Turismo.**

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTE.

- 1 Confira se o Boletim que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este Boletim contém a PROVA OBJETIVA.
- 3 O Boletim de Questões consistirá de 40 (quarenta) questões de múltipla escolha, sendo 10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de História, 10 (dez) questões de Geografia e 10 (dez) questões de Matemática. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por (A), (B), (C), (D) e (E), das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste Boletim, você recebeu o Cartão-Resposta, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no Cartão-Resposta. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o Cartão-Resposta que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do Cartão-Resposta.
- 9 No Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do Cartão-Resposta deve ser feita com caneta esferográfica de tinta preta ou azul.
- 11 O Cartão-Resposta será o único documento considerado para a correção. O Boletim de Questões deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de três horas, com início às 14 horas e término às 17 horas, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, uma hora após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o Boletim de Questões e o Cartão-Resposta, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às 16h30min o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este Boletim de Questões.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

A QUESTÃO DA NATUREZA HUMANA

1 Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres
2 humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente, embora tenha sido uma luta árdua. A
3 noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada
4 um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental. A ideia de que não só somos
5 inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana
6 essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de
7 pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a
8 “benevolência natural” dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um
9 “instinto de solidariedade” à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da
10 humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos
11 como Thomas Hobbes, que tinha uma opinião bastante negativa da espécie humana. Ele considerava a
12 humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.
13 Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez
14 flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele
15 alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação
16 diante da pobreza do homem.

17 Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes,
18 ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos
19 humanos. Freud afirmou que “a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que
20 subsiste por seus próprios meios”. Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert
21 Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores
22 e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também, providos de um impulso inato
23 ou instintivo para lutar por território.

24 Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista
25 da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa
26 natureza latente. Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente
27 centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o
28 comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e
29 ambientais. Talvez a declaração mais abrangente sobre as pesquisas mais recentes esteja resumida na
30 Declaração sobre a Violência de Sevilha, de 1986, que foi redigida e firmada por vinte cientistas de renome,
31 do mundo. Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas
32 afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada
33 para entrar em guerras ou para agir com violência. Esse comportamento não está programado
34 geneticamente na natureza humana. Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para
35 agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático. Ao examinar o tema da
36 natureza humana essencial, a maioria dos pesquisadores do campo percebe atualmente que no fundo
37 temos um potencial para nos tornarmos pessoas serenas, atenciosas, ou pessoas violentas, agressivas.
38 O impulso que acaba sendo realçado é em grande parte uma questão de treinamento.

39 Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso,
40 mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque. Estudiosos
41 como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas
42 que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta. Também a dra.
43 Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas, que
44 pareciam fazer parte do processo de recuperação. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos
45 outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.

46 Tomar a iniciativa de ajudar os outros pode ser tão essencial à nossa natureza quanto a comunicação.
47 Seria possível traçar uma analogia com o desenvolvimento da linguagem que, à semelhança da
48 capacidade para a compaixão e o altruísmo, é uma das características da espécie humana. Determinadas
49 áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às
50 condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro
51 começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for
52 crescendo. Da mesma forma, todos os seres humanos podem ter como dom natural a “semente da
53 compaixão”. Quando expostas às condições adequadas – em casa, na sociedade como um todo e, mais
54 tarde, por meio dos nossos próprios esforços direcionados – essa “semente” vicejará. Com essa ideia na
55 mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam
56 que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças. Já identificaram alguns



57 fatores: ter pais capazes de moderar suas próprias emoções, que sejam modelos de comportamento
58 atencioso, que estabeleçam limites adequados para o comportamento dos filhos, que comuniquem à
59 criança que ela é responsável pelo seu próprio comportamento e que usem a argumentação para ajudar a
60 direcionar a atenção da criança para estados emocionais ou afetivos bem como para as consequências do
61 seu comportamento sobre os outros.

(SUA SANTIDADE O DALAI-LAMA; CUTTLER, C. A arte da felicidade: um manual para a vida. Trad. Waldéa Barcelos. São Paulo: Martins Fontes, 2002). Adaptado.

- 1** Sobre a intenção do texto “A questão da natureza humana” e as ideias que nele se discutem acerca do comportamento do ser humano, compreende-se que
- (A) o texto tem o propósito de fazer uma crítica, ainda que velada, ao conhecimento construído pela cultura ocidental.
 - (B) a tese de que o homem é profundamente egoísta, como bem exemplifica o pensamento de Thomas Hobbes (filósofo do século XVII), mostrou-se uníssona no mundo ocidental até recentemente (século passado).
 - (C) o conhecimento dos monges budistas, representados por Dalai-Lama, porque não baseado em experimentos científicos, tem contribuído em menor escala para o conhecimento da natureza humana.
 - (D) a ciência tem percebido, no campo da pesquisa sobre a neurofisiologia humana, um potencial tanto para brandura e compaixão como para a agressividade, que é definido conforme os impulsos exteriores condicionantes.
 - (E) existem, conforme o texto, alguns comportamentos sociais dos seres humanos que são programados geneticamente na natureza humana.
- 2** Sobre as ideias confrontadas no texto, entende-se que
- (A) há pensadores no mundo ocidental que, mesmo sob o domínio da visão do egoísmo, no século passado, reconheceram a existência de um impulso generoso na natureza humana, aproximando-se, assim, da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente.
 - (B) a agressividade seria um aspecto positivo do comportamento humano, segundo se deduz dos resultados dos estudos de Robert Ardrey e Konrad Lorenz, pois garante ainda hoje a sobrevivência humana.
 - (C) a observação científica de que “a agressividade não é necessariamente inata e de que o comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e ambientais” serviu à comprovação do pensamento do Dalai-Lama sobre a natureza compassiva do ser humano.
 - (D) os estudos de C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, nos quais se demonstra que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta, dão continuidade aos estudos de David Hume acerca da “benevolência natural” dos seres humanos.
 - (E) David Hume, que escreveu sobre a “benevolência natural” dos seres humanos, e Charles Darwin, que atribuiu um “instinto de solidariedade” à nossa espécie, influenciaram diretamente a concepção do Dalai-Lama sobre a natureza humana.
- 3** Em textos em que se discutem conceitos e se argumentam sobre ideias, é um procedimento usual recorrer à exemplificação com dados concretos do mundo que dão sustentação ao que se afirma. Esse procedimento é o que se apresenta na alternativa
- (A) “A ideia de que não somos inerentemente egoístas, mas de que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
 - (B) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
 - (C) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (D) “Freud afirmou que ‘a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que subsiste por seus próprios meios’.” (linhas 19 e 20)
 - (E) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também.” (linhas 20 a 22)



- 4 As metáforas são recursos não só do domínio literário, mas também empregadas na elaboração de texto dissertativo-argumentativo, como um meio de contribuir para que as ideias tenham força de representação. No texto “A questão da natureza humana”, para expressar uma tendência atual a rever o pensamento ocidental sobre a essência humana, faz-se uso da metáfora no trecho:
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária.” (linhas 4 a 7)
 - (B) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente.” (linhas 24 a 26)
 - (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e ambientais.” (linhas 26 a 29)
 - (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” (linhas 40 a 42)
 - (E) “Também a dra. Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas [...]. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.” (linhas 42 a 45).
- 5 Na construção de um texto expositivo-argumentativo, é natural que se apresente **contraposição de ideias**, como se vê no texto “A questão da natureza humana”. Exemplificam a ocorrência desse tipo de relação semântico-discursiva os segmentos transcritos abaixo, **exceto** o que se transcreve na alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
 - (B) “E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura (...)” (linhas 8 a 10)
 - (C) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade...”. (linhas 24 e 25)
 - (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
 - (E) “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático.” (linhas 34 e 35)
- 6 O enunciado em que, pelo emprego de um modalizador, é feita uma afirmação categórica sobre a natureza humana é:
- (A) “A noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental.” (linhas 2 a 4)
 - (B) “Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos”. (linhas 6 a 8).
 - (C) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “Ele [Thomas Hobbes] considerava a humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.” (linhas 11 e 12)
 - (E) “Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso, mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque.” (linhas 39 e 40)



- 7 Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, é **incorreto** afirmar:
- (A) Em “(...) David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie.”, as aspas (simples) colocam em destaque a percepção de estudiosos sobre a natureza humana. (linhas 7 a 9)
 - (B) Em “Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação diante da pobreza do homem.”, as duas primeiras vírgulas separam uma expressão de valor explicativo, que concorre para facilitar acesso a informações do texto. (linhas 13 a 16)
 - (C) No trecho, “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente”, seria também gramaticalmente correto usar ponto (em lugar da vírgula) após a palavra “humanidade”. (linhas 24 a 26)
 - (D) No trecho, “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático”, a vírgula é necessária por indicar o deslocamento de um termo dentro da frase. (linhas 34 e 35)
 - (E) Expressões como “ou seja” anunciam uma explicação, por isso aparecem seguidas de pausa na fala e, conseqüentemente, de vírgula na escrita, como se confirma pelo trecho “Determinadas áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for crescendo”. (linhas 48 a 52)
- 8 Um exemplo de progressão do texto com recorrência de **paralelismo gramatical** (recurso importante na enumeração de ideias) é o que se apresenta no trecho
- (A) “Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu muito sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura [...]” (linhas 7 a 10)
 - (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (C) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e compaixão da nossa natureza latente.” (linhas 24 a 26)
 - (D) “Se formos expostos às condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for crescendo. Da mesma forma, todos os seres humanos podem ter como dom natural a ‘semente da compaixão.’” (linhas 49 a 53)
 - (E) “Já identificaram alguns fatores: ter pais capazes de moderar suas próprias emoções, que sejam modelos de comportamento atencioso, que estabeleçam limites adequados para o comportamento dos filhos, que comuniquem à criança que ela é responsável pelo próprio comportamento e que usem a argumentação para ajudar a direcionar a atenção da criança para estados emocionais ou afetivos [...]” (linhas 56 a 60)
- 9 A alternativa em que a omissão da(s) vírgula(s) determinaria ambigüidade no sentido do enunciado é
- (A) “Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente (...)” (linhas 1 e 2)
 - (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (C) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores.” (linhas 20 a 22)
 - (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
 - (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” (linhas 54 a 56)



- 10** O trecho em cuja reescritura se apresenta outra possibilidade de concordância verbal, também de acordo com a norma culta da língua portuguesa, é o da alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” – A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura **fazem séculos**. (linhas 4 a 6)
- (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” – Depois de **aceitarem** a premissa do nosso egocentrismo essencial, **uma série de cientistas** proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentaram a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos. (linhas 17 a 19)
- (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...).” – Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, **surgiu literalmente centenas de estudos científicos** que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...). (linhas 26 e 27)
- (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” – Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que **os seres humanos dispõe** de uma tendência ao comportamento altruísta. (linhas 40 a 42)
- (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” – Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que **a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureçam em crianças**. (linhas 54 a 56)

HISTÓRIA

- 11** Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta.
- “Como se sabe, a palavra ‘*mythos*’ raramente foi empregada por Heródoto (apenas duas vezes). Caracterizar um ‘*logos*’ (narrativa) como ‘*mythos*’ era para ele um meio claro de rejeitá-lo como duvidoso e inconveniente”.
(François Hartog. *Os antigos o passado e o presente*. Brasília: UNB, 2003, p. 37).
- O historiador F. Hartog identificou em Heródoto – o “pai da história” – uma comparação entre o mito e o logos. Nessa comparação o mito era
- (A) lógico e racional, já a história era uma narrativa dos grandes feitos dos homens e dos deuses gregos no presente e no passado.
- (B) fantástico e poético, assentado nos costumes e narrativas imemoriais, já a história era uma narrativa lógica e pautada na pesquisa daquilo que ocorreu e poderia ser comprovado.
- (C) folclórico, no qual seres fantásticos e irreais eram homenageados, já a história era a ciência que chegaria ao que realmente aconteceu, sem a interferência dos Deuses e Mitos.
- (D) racional e exato, pois os gregos realmente acreditavam nele e Heródoto o utilizava como narrativa elementar (fonte documental) para a elaboração de sua história.
- (E) poético e frágil em sua narrativa fabulosa, já a história era documentada e bem fundamentada em bases científicas que destruíam o mito e suas falsidades.



- 12** Leia o trecho abaixo sobre a questão da democracia entre os atenienses antigos e responda à questão proposta.

A antiga palavra grega '*Demokratia*' era ambígua. Significava literalmente "poder das pessoas". Mas quem eram as pessoas a quem o poder pertencia? Foram todas as pessoas - as "massas"? Ou apenas algumas pessoas - os cidadãos devidamente qualificados? Os usos da palavra grega também podem nos ajudar. Há uma teoria na qual a palavra '*demokratia*' teria sido cunhada pelos inimigos da democracia, membros da elite rica e aristocrática que não gostaram de ser marginalizados pelo rebanho comum, seus inferiores sociais e econômicos. Se essa teoria está correta, notamos que a democracia significou originalmente algo como "governo da máfia" ou "ditadura do proletariado".

(Trecho adaptado e traduzido de *Paul Cartledge The Democratic Experiment*. BBC History. http://www.bbc.co.uk/history/ancient/greeks/greekdemocracy_01.shtml Acessado em 01.12. 2017).

Conforme o uso da palavra 'democracia' entre os antigos atenienses e de acordo com a teoria exposta no trecho acima, na antiguidade grega democracia significava normalmente governo

- (A) do povo, no qual as decisões da maioria – representada no parlamento geral – deveriam ser a expressão das ações dos governos, que se pautavam nos votos da maioria pobre e deixavam de lado as urgências da aristocracia.
- (B) da maioria, incluindo aí todos os moradores (ricos e pobres) de qualquer condição ou classe social e, neste sentido, poderia ser vista como uma "ditadura" do proletariado.
- (C) de todas as gentes moradoras de Atenas, tornando-se assim uma 'máfia' na qual proletários e trabalhadores mandavam em uma elite rica e aristocrática que se via em condições pouco favoráveis.
- (D) de todos os cidadãos do sexo masculino em uma organização na qual o voto era livre e direto, porém não permitido aos não livres, estrangeiros e às mulheres.
- (E) do povo livre, incluindo mulheres e pobres de até 14 anos, o que parecia um exagero, já que equiparava sexo, condição financeira e idade, criando uma ditadura.

- 13** O termo "féodal" é antigo em línguas latinas. Em português, segundo o *dicionário Houaiss*, ele teria nascido tardiamente, em 1813, mas sua raiz "feudo" datava do século XIV, significando "terra ou direito, renda concedidos por um senhor a um vassalo em troca de serviços". No século XVIII, Adam Smith – procurando descrever sistemas econômicos – cunhou as formas "governo feudal" e "sistema feudal" em seu livro *Riqueza das Nações* (1776). No século XIX, o adjetivo "feudal" evoluiu para um substantivo: "feudalismo". O termo feudalismo é recente, aparecendo pela primeira vez em português em 1821, em francês em 1823, italiano em 1827, inglês em 1839 e em alemão na segunda metade do século XIX.

Nesta trajetória histórica, a palavra "feudo" transformou-se para "feudal" e finalmente para "feudalismo". Todo este percurso histórico das três palavras construiu uma representação de um mundo feudal que se transformou de um(uma)

- (A) governo de senhores feudais geradores de riquezas econômicas para modelo de exploração escravista dos servos.
- (B) sistema econômico e exploratório dos servos para um sistema capitalista, em que ainda hoje impera o trabalho livre, mesmo que limitado.
- (C) forma de trabalho exploratório servil da terra e sua renda concedidos por um senhor feudal a seus vassalos para torna comunal e proletária.
- (D) forma de trabalho semiescravista (de vassalagem) para outra de trabalho livre e socializado (riqueza das Nações).
- (E) direito à terra com relações de suserania e vassalagem para o significado de sistema de exploração do trabalho servil.



- 14** Leia o verbete sobre Jean Bossuet na *Enciclopédia Britânica* e responda à questão proposta sobre a teoria do absolutismo na França moderna.

Jacques-Bénigne Bossuet (*1627, Dijon, + 1704, Paris), bispo francês, foi o mais eloquente e influente porta-voz dos direitos da igreja francesa contra a autoridade papal. É lembrado principalmente por suas obras literárias, e por seu fundamental livro dedicado à educação do futuro rei sol. (...) Em 1670 foi nomeado como tutor do delfim, o filho mais velho do rei francês. Bossuet encontrou assim tempo para publicar uma obra contra o protestantismo e para instruir religiosa e moralmente ao delfim. É desta época o surgimento de seu principal trabalho político, a *Política extraída da Sagrada Escritura*, que usa a Bíblia como prova da autoridade divina para o poder dos reis. Com ela, Bossuet ganhou reputação como um grande teórico do absolutismo real.

(Texto adaptado e traduzido. Retirado da Enciclopédia Britânica on line.

Link <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Benigne-Bossuet> Acessado em 31.11.2017).

De acordo com o trecho acima e conforme o que se conhece sobre o assunto, a teoria pensada por Bossuet ganhou grande reputação, porque ela foi escrita por um pensador

- (A) atrelado à igreja católica (Bossuet era bispo), que foi nomeado tutor do Delfim (o rei sol), criando assim condições para justificar sacramente o poder divino do rei sol.
- (B) bispo, mas funcionário régio, que foi contratado pelo rei absolutista para criar seu filho (o Delfim) e escrever um livro elogioso sobre o poder do rei que era maior do que o do Deus.
- (C) ligado à burocracia eclesiástica e temporal (régia), que optou por ser um pensador que valorizava o poder mundano e régio em detrimento do poder da igreja (divino).
- (D) libertário e independente, que escrevia sobre o rei do ponto de vista de um livre pensador ilustrado e iluminista.
- (E) já idoso, que desistiu de ser bispo para se tornar educador do novo rei sol e assim garantir o poder do rei sobre a supremacia da igreja romana, que diminuía a igreja francesa.

- 15** Sobre a bíblia e seu papel na Revolução Inglesa de 1640, escreveu o historiador Christopher Hill:

"Meu objetivo neste livro [A *Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*] é tentar entender o papel desempenhado pela *Bíblia* na vida dos homens e das mulheres da Inglaterra revolucionária do século XVII. A introdução à *Bíblia* de 1603 (...) nos convida a lembrar que as escrituras contêm assuntos concernentes às nações e aos governos, ao bem e ao mal, à prosperidade e às pragas, à paz e à guerra, à ordem e à desordem. Elas abrangem a vida de todos os homens, ricos e pobres..."

(Christopher Hill. *A bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 9).

Pelo trecho acima e com base no que se conhece sobre a revolução inglesa do século XVII, compreende-se que nela a Bíblia significou principalmente um instrumento de

- (A) certezas absolutas, em que o poder divino do rei inglês foi mantido e sustentado ideologicamente.
- (B) afirmação da supremacia do poder do rei sobre o parlamento e sobre as nações e governos, reafirmando a monarquia absolutista.
- (C) lutas políticas e sociais, servindo de base para diferentes propostas de mudanças políticas (radicais ou não) que levaram à Revolução Inglesa de 1640.
- (D) modelo para radicais, sobretudo comunistas que leram nela motivações para suas propostas de derrubada da monarquia britânica.
- (E) exemplo de campo de conflito entre absolutistas e constitucionalistas liberais, que abriu caminho para a Revolução Inglesa, uma revolução burguesa clássica.



- 16** Leia um trecho do verbete “Caraíba”, retirado do *Dicionário do Brasil colonial*, e responda à questão sobre a cultura e sociedade indígena de tradição tupinambá nos tempos da conquista portuguesa da América.

Na crônica quinhentista a palavra ‘*caraíba*’ aparece muitas vezes como o nome pelo qual os índios tupis do litoral denominaram inicialmente os brancos portugueses (...) Posteriormente os jesuítas, ao menos no início, foram chamados pelos índios de *caraíbas*. Assim os nativos associavam os recém-chegados aos personagens de sua própria cultura aos quais atribuíram poderes extraordinários, sendo capazes de se comunicarem com o mundo dos mortos e os espíritos ancestrais. Eram pajés-açus, ou pajés grandes. Apesar do exagero no poder desfrutado pelos *caraíbas* na cultura tupi, visto que estes nunca foram “reis divinos”, esta associação foi importante no processo de dominação colonial, sendo usada depois pelos próprios jesuítas que se faziam passar por *caraíbas*, imitando o seu estilo, e dizendo-se mais poderosos do que eles.

(Texto adaptado. Retirado de Ronaldo Vainfas. “Caraíbas”. *Dicionário do Brasil colonial*. São Paulo: Editora Objetiva, 2000, pp. 94-95).

O trecho recupera uma relação entre a cultura indígena de tradição tupinambá e o processo de dominação e catequese português e jesuítico sobre estes indígenas. Nesta relação, os jesuítas se autocaracterizavam como

- (A) membros *caraíbas* e iguais aos tupinambás, utilizando desta associação para melhor dominar e escravizar os povos indígenas do litoral colonial, modificando sua cultura e língua de dentro para fora.
- (B) superiores ou “concorrentes” aos *caraíbas* indígenas, aproveitando-se de “confusão” tupinambá inicial para fortalecer o poder religioso e régio sobre esta população indígena litorânea, utilizando-se de seu trabalho.
- (C) inferiores aos tupinambás no começo da conquista para depois se fortalecerem sorrateiramente e escravizarem os povos indígenas litorâneos, utilizando-se inclusive para a conquista de outros povos interioranos.
- (D) iguais aos *caraíbas* tupinambás, numa comparação que servia de base para a dominação, já que os jesuítas os obrigaram a falar o português e introduziram o catolicismo na cultura indígena, escravizando-os.
- (E) superiores aos pajés ou *caraíbas* indígenas, que foram ironicamente desacreditados desde o início da conquista e seu exemplo serviu de base para os jesuítas destruírem a língua e cultura tupinambá.

- 17** Leia o trecho abaixo que trata da história da cartografia no Brasil e responda à questão proposta.

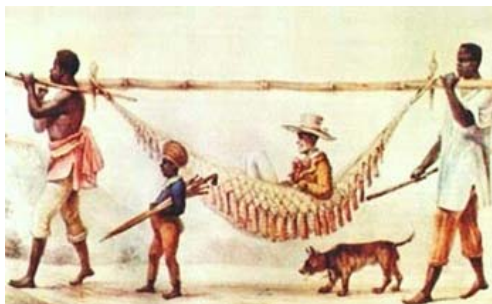
“A cartografia brasileira originou-se a partir da cartografia portuguesa desenvolvida no século XVI, no período das Grandes Navegações. Devido à necessidade de elaboração de mapas das rotas de navegação, de cuja precisão dependia o sucesso das expedições, houve uma intensa produção de mapas. (...) No início do século XVII, grande parte da Amazônia foi mapeada pelos portugueses. (...) Aos poucos, a costa [litorânea do atual Brasil] foi sendo conhecida e ocupada, e as preocupações náuticas foram cedendo e dando lugar à expansão territorial de interiorização e posse [colonial portuguesa]”.

(Rosely Sampaio Archela. “Evolução histórica da cartografia no Brasil”. *Revista Brasileira de Cartografia*. Nº 59/03, dezembro 2007, p. 214).

O trecho acima marca uma mudança essencial na produção cartográfica (de mapas) feita pelos portugueses na passagem dos séculos XVI para o XVII. Nela, os mapas deixaram de servir para

- (A) demarcar tratados como os de Tordesilhas e passaram a demarcar territórios obtidos por meio de ocupação e luta expansionista lusitana, como foi o caso da Amazônia, território roubado pelos lusitanos aos espanhóis e ingleses.
- (B) recuperar rotas de navegação de caminhos lusitanos rumo às índias asiáticas, para se tornarem essenciais para a conquista do litoral brasileiro e sua melhoria na produção de cana-de-açúcar e café.
- (C) delimitar o expansionismo territorial português de conquista mundial presente no século XVI, para representar os pontos de defesa deste território diante da expansão inglesa e norte americana no século XVII.
- (D) instruir sobre rotas de navegação visando ao conhecimento dos mares e do litoral, para desenhar a ocupação territorial mais interiorana diante dos temores lusitanos perante a ampliação territorial de outras nações europeias, como a Espanha, a Inglaterra e a França.
- (E) demarcar os territórios lusitanos navegáveis, para analisar os possíveis territórios a serem ocupados – de forma legal – pelos portugueses em guerra contra grandes nações, como a Inglaterra e a França.

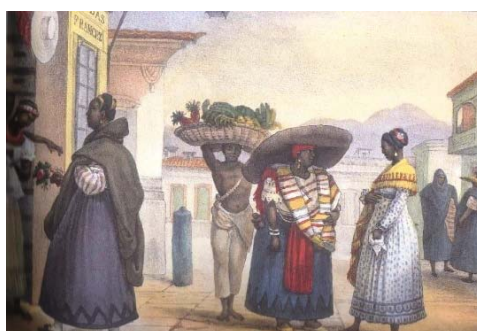
- 18** Observe as três imagens que se seguem e responda à questão proposta sobre o mundo da escravidão de origem africana no Brasil colonial e imperial.



Jean Jacques Debret. Tela "O regresso de um proprietário". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 204.



Jean Jacques Debret. Tela "Os refrescos do largo do Palácio". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 181.



Jean Jacques Debret. "Negras livres vivendo de suas atividades. Vendedoras de aluá, de manuê e de sonhos". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 264.

As três imagens foram retiradas das pinturas feitas por um mesmo pintor, Jean Jacques Debret. Elas representam a forte presença de uma população de africanos e afrodescendentes nas ruas do Rio de Janeiro. De acordo com essas imagens e conforme o que se conhece sobre o mundo da escravidão de origem africana, é correto afirmar que esta população afro-brasileira ocupava-se, na corte carioca, com trabalhos

- (A) escravos, em que se percebe um forte controle e policiamento das autoridades no mundo do trabalho escravo urbano com a presença nas pinturas de autoridades uniformizadas, cães e figuras disfarçadas para o controle bem feito das tarefas dos escravos urbanos.
- (B) escravos e libertos, em que se vê a diversidade de ocupações e de controle do trabalho desta população, que trabalhava por tarefas, mas podia (quando escrava) sofrer castigos senhoriais caso não cumprisse a produção e (quando liberta e escrava) sofrer prisões e castigos das autoridades públicas.
- (C) escravos e libertos, em que se percebe a forte presença de população escrava negra e liberta mestiça e em que os escravos eram mais punidos e censurados e os libertos mestiços eram mais bem tratados, demonstrando uma legítima e eficiente política de branqueamento e democracia racial entre os libertos.
- (D) escravos e libertos divididos em grupos separados. Os escravos trabalhavam mais em tarefas pesadas, como o transporte público dos senhores, e os libertos ficavam com a maioria dos setores de vendas, por onde podiam se sustentar e juntar dinheiro para a compra de alforria de seus irmãos escravizados.
- (E) escravos, que eram divididos entre aqueles que podiam ir e vir, mas que só faziam isso na presença de seus senhores (ver o caso da primeira tela), e aqueles que vendiam os produtos feitos por seus senhores, e que estavam sob a vigilância das autoridades públicas, como a do soldado na segunda tela.

- 19** Observe as duas reproduções de tela abaixo sobre o momento da execução de Tiradentes e responda à questão proposta sobre ele e a memória da Inconfidência Mineira.



Alberto da Veiga Guignard. A execução de Tiradentes. Óleo sobre madeira (1961). Coleção Sergio Fadel | Rio de Janeiro – Brasil. Link: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/9235>. Acessado em 01.12.2017.



Pedro Américo. Tiradentes esquartejado. 1893. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Link: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1544763-pinacoteca-expoe-pintura-historica-de-tiradentes-esquartejado.shtml>. Acessado em 01.12.2017.

Embora as duas telas representem o mesmo Tiradentes e sua execução em 1793, elas o representam de forma muito diferente. Esta mudança pode ser percebida porque na primeira tela Tiradentes se apresenta como o

- (A) centro unificador dos anseios gerais por liberdade da população, com ênfase na luta dos escravos de origem africana; de forma oposta à tela de Pedro Américo, que representava um Tiradentes esquartejado e dividido diante da opressão colonial e imperial no momento da proclamação da República do Brasil (1893).
- (B) ícone aglutinador de todas as forças nacionais do Brasil contra a opressão colonial que assolava a pátria brasileira no passado (1793) e no presente (1961). Já a segunda tela mostra um Tiradentes morto e esquartejado, demonstrando a derrota dos portugueses opressores sobre os colonos e escravos de Minas Gerais.
- (C) centro de todas as atenções entre as autoridades coloniais brancas e afro-brasileiros. Ele se parece com a figura de Jesus Cristo na crucificação, tornando-se o mártir da pátria. Já a segunda imagem constrói um Tiradentes derrotado e esquartejado pela elite inglesa e portuguesa.
- (D) ponto agregador de todas as forças de resistência coloniais (de brancos, indígenas e negros) e que estava sendo morto apenas fisicamente, já que sua luta e espírito resistiria até 1961 (tempo da ditadura). Já a segunda imagem mostra um Tiradentes esfaqueado pelos seus opressores, também martirizado e simbolizado como um exemplo de abnegação pela pátria.
- (E) símbolo agregador de forças sociais (militares mais ao centro da pintura) e do povo, em especial os negros. Já o Tiradentes da segunda imagem demonstra a figura de um mártir esfaqueado e resistente aos pedaços, sugerindo que o caminho da resistência seria a junção metafórica de todas as partes cortadas no passado pela memória do presente.



- 20** Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta sobre a data de 20 de novembro e seu papel no ensino da história.

“Dia 20 de novembro, dia da consciência negra, foi instituído oficialmente pelo governo federal em 1995, no contexto das comemorações do tricentenário de morte de Zumbi dos Palmares. Este dia é a síntese e ao mesmo tempo a reflexão e ação, traduzidas como luta e a reafirmação permanente de cidadania. (...) o dia da consciência negra não serve para ações comemorativas laudatórias. O 20 de novembro busca promover ações afirmativas de valorização da população afrodescendente brasileira. (...) No campo educacional [tem-se] promovido ações significativas no sentido de ampliar as possibilidades de acesso da população afrodescendente à instrução pública”.

(Marco Antonio de Oliveira. “20 de novembro (1995). Dia da consciência negra”. In: Circe Bittencourt (org.). *Dicionários das datas da história do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 271-273).

O texto acima faz uma crítica e uma reflexão sobre o papel das datas comemorativas – e em especial à de 20 de novembro – na vida e nas ações escolares ou educacionais no Brasil contemporâneo. Neste caso específico, comemorar o 20 de novembro servia para promover uma melhoria na instrução pública por meio de ações como

- (A) suspensão das aulas no dia 20 de novembro e promoção na escola, ao longo da semana e do mês da consciência negra, de festas e outras atividades que identifiquem a presença e a contribuição da cultura “negra” dentro da cultura brasileira.
- (B) criação de espaços e diálogos na escola e em especial no dia 20 de novembro onde os afrodescendentes sejam percebidos como cidadãos, valorizando a política afirmativa que amplie as possibilidades de acesso desta população a uma instrução pública gratuita e de qualidade e de superação coletiva do passado escravocrata.
- (C) promoção de ações afirmativas por meio das quais os afrodescendentes se percebam como vítimas de um sistema opressor no passado, que só poderá ser superado por meio de ações e intervenções que invertam o preconceito e preconizem a preponderância da cultura afrodescendente sobre a *pseudo* brasileira.
- (D) criação de atividades que valorizem o potencial físico e esportivo da população afrodescendente, bem como a grandiosidade da culinária dos ex-escravos dentro da cultura brasileira na junção das três raças (branca, negra e indígena), promovendo democracia racial brasileira.
- (E) valorização das leis de cotas raciais nas universidades brasileiras, com campanhas no dia 20 de novembro, cuja finalidade seria a luta por leis punitivas à discriminação dos afrodescendentes no Brasil, com forte pressão aos deputados federais por sua aprovação.

GEOGRAFIA

- 21** Leia o texto com atenção.

Um aparato dedicado à Geografia, no Brasil, data da década de 1930, com a organização dos cursos universitários de geografia no Rio de Janeiro e em São Paulo (1934), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns estados, a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1935), a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1939). Tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país.

Fonte: MORAES, Antonio Carlos Robert - Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia. Revista de Estudos Históricos - 1991- pág. 171.

Os fatos apresentados pelo autor tiveram efeito sobre a ciência geográfica porque

- (A) legitimaram a hegemonia que o Estado brasileiro exercia sobre o continente americano.
- (B) consolidaram o sentimento nacionalista, fortalecendo uma única identidade nacional.
- (C) romperam com os laços tradicionais de dominação, implicando a construção de um novo Estado.
- (D) iniciaram a construção da geografia material do país e a valorização objetiva de seu espaço no plano institucional.
- (E) descentralizaram as pesquisas em geografia, aproveitando os especialistas locais, já que antes estavam concentradas nas áreas mais povoadas do país.



22 Leia o texto.

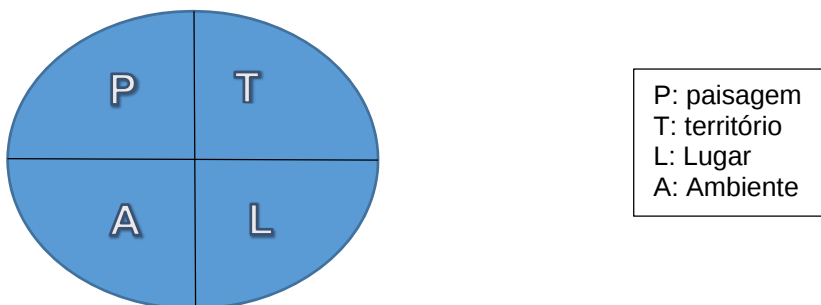
O termo região não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em geografia. Tanto num como noutro caso, o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si.

Fonte: CORRÊA, Roberto Lobato - Região e Organização Espacial. São Paulo, Ática, 1986, pág. 22.

A apropriação da região como categoria de análise pelos geógrafos se faz de forma

- (A) incomum, dada a dificuldade de identificar elementos de diferenciação entre os espaços ante um mundo globalizado.
- (B) complexa, em virtude das diferentes conceituações do termo inseridas em diferentes correntes do pensamento geográfico.
- (C) variável, pois o conceito é alterado de acordo com a extensão territorial e organização política do país objeto de análise.
- (D) unidimensional, porque se baseia apenas nos atributos naturais como limites diferenciadores de áreas.
- (E) uniforme, visto que o termo foi consolidado desde a antiguidade, sendo sua representação de plena concordância entre os pesquisadores da área.

23 Observe a figura e a citação seguintes, extraídas do artigo “O espaço geográfico uno e múltiplo: conceitos e categorias”, de Dirce Suertegaray.



“Podemos pensar o espaço geográfico como um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões”.

Fonte: SUERTEGARAY, Dirce. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, D. BASSO, L.A. VERDUM, R. (Orgs). Ambiente e Lugar no Urbano: A Grande Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pág. 31.

Extraída do texto de Suertegaray, a relação entre a imagem apresentada e o espaço geográfico pode ser interpretada como

- (A) possibilidades de diferentes leituras da realidade.
- (B) setorização de categorias desarticuladas e estanques.
- (C) afirmação de uma concepção determinista do espaço.
- (D) alternativas metodológicas empregadas nos estudos urbanos, rompendo a eterna questão dicotômica.
- (E) hierarquização entre os novos e antigos conceitos já abandonados pelos pesquisadores.

24 Leia o texto.

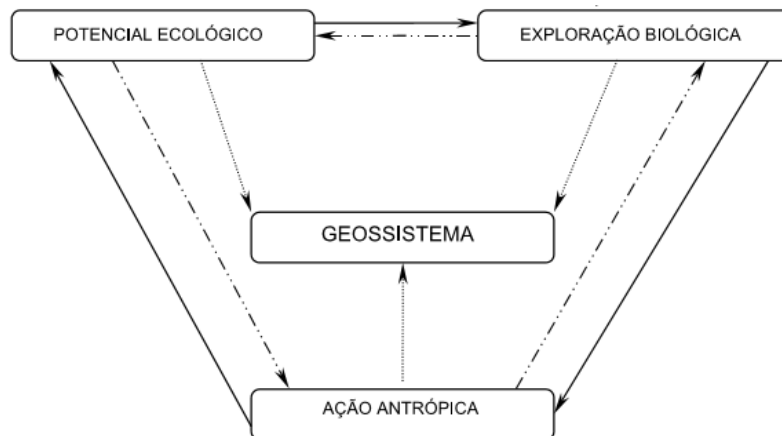
O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

Fonte: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Hucitec, 1996. pág. 51.

No contexto apresentado, a análise sobre os objetos técnicos presentes no espaço geográfico demonstra, em relação a este, que sua

- (A) origem data do final do século XX, a partir da revolução cibernética do mundo moderno.
- (B) constituição é cada vez menos artificializada, uma vez que predomina a ideia do retorno à natureza.
- (C) evidência está mais relacionada ao mundo selvagem que ao espaço urbano.
- (D) existência está relacionada às grandes obras de construção, como hidrelétricas e estradas.
- (E) construção está baseada no trabalho, sendo portanto uma elaboração social.

25 Observe o esquema.

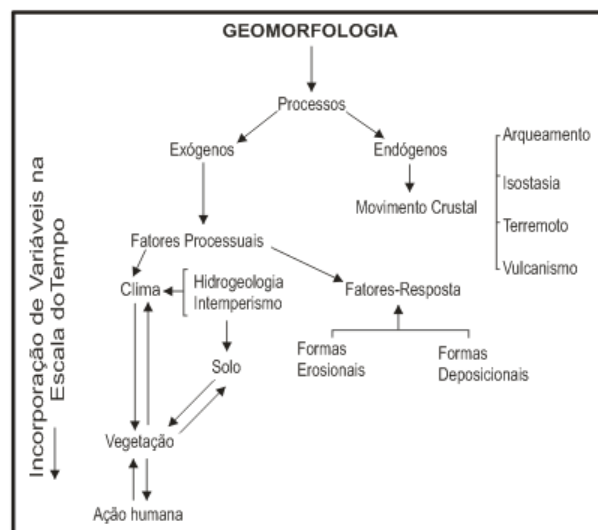


Fonte: Bertrand, George. Geografia Física Global: esboço metodológico. R. RA'EGA, Curitiba, n. 8, pág. 141-152, 2004.

Na interpretação da figura apresentada por Bertrand, o geossistema é compreendido conceitualmente como resultado da

- (A) relação entre elementos abióticos, bióticos, influenciados pelas atividades humanas.
- (B) adequação do uso dos recursos naturais à exploração contínua da mineração.
- (C) configuração de formas de paisagens originadas no passado mais recente da história do planeta.
- (D) conservação dos padrões ecológicos pelos projetos de desenvolvimento sustentável.
- (E) adjetivação designada aos espaços naturais livres das intervenções da modernidade.

26 Observe o quadro.



Fonte: CASSETTI, Walter. Geomorfologia. <http://www.funape.org.br/geomorfologia/cap2/index.php#titulo2>. Acesso em 22 de novembro de 2017.

O esquema sinótico apresentado por Cassetti trata da gênese e dinâmica geomorfológica. Sobre isso, é correto afirmar que

- (A) o relevo é caracterizado, de modo geral, por superfícies aplainadas, resultado de dissecação, promovida por processos endógenos, podendo apresentar-se numa área restrita ou de grande extensão.
- (B) a heterogeneidade de formas de relevo se explica pela diferenciação estrutural e pela influência dos domínios morfoclimáticos.
- (C) a morfologia atual, indicada pelas formas de relevo, permite a reconstituição de sua história, mostrando que sua estrutura é decorrente da atuação extrema das flutuações climáticas.
- (D) as superfícies erosivas são respostas do movimento de arqueamento das formas, induzido pela pressão interna sobre o material rochoso.
- (E) os efeitos da ação humana são responsáveis pelos processos paleoclimáticos que deram origem à compartimentação topográfica atual.



27 Leia o texto.

O processo de urbanização é uma das principais interferências da mudança na natureza da superfície do solo e nas propriedades atmosféricas presentes na Camada Limite Urbana (UCL). Essa transformação resulta em mudanças dos ventos regionais, na geometria da radiação solar e da insolação e emissão de poluentes, propiciando as temperaturas mais elevadas nas zonas urbanas consolidadas em comparação com as zonas periféricas ou rurais.

Fonte: LOMBARDO, Magda. Adelaide. Análise das Mudanças Climáticas nas Metrôpoles: O Exemplo de São Paulo e Lisboa. Cortez, etc., and Ortigoza, sag., orgs. Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Pág. 119.

O fenômeno clima urbano apontado no texto é

- (A) contaminado pelos gases da estratosfera que interagem com os aspectos locais da atmosfera, interferindo nos usos do espaço urbano.
- (B) influenciado pelo efeito estufa devido às emissões antrópicas de CH₄ e N₂O provenientes das atividades da agricultura e pecuária.
- (C) intensificado pela rugosidade nas áreas urbanas que leva à diminuição da velocidade média do vento regional.
- (D) responsável pelo aquecimento do planeta, uma vez que as cidades cobrem a maior parte de suas terras emersas.
- (E) acentuado pela concentração de carbono emitido durante o processo de respiração da vegetação arbórea presente em praças e parques urbanos.

28 Leia o texto.

Atualmente, a Cartografia como um todo entra na era da informática. Com o auxílio de satélites e computadores, a Cartografia Temática torna-se um verdadeiro Sistema de Informação Geográfica, visando a coleta, armazenamento, recuperação, análise e apresentação de informações sobre lugares, ao longo do tempo, além de proporcionar simulações de eventos e situações complexas da realidade, tendo em vista a tomada de decisões deliberadas.

Fonte: MARTINELLI, Marcelo - Cartografia Temática: caderno de mapas. São Paulo: Edusp, 2003, pág. 16.

A análise do atual contexto em que se desenvolve a cartografia temática revela que

- (A) a tecnologia dos Sistemas de Informações Geográficas é utilizada apenas para limitar o mapa à sua finalidade principal, que é a localização dos fenômenos.
- (B) o método de representação quantitativa é utilizado para construção dos mapas temáticos, cujo objetivo é ordenar a diversidade de informações.
- (C) o mapa temático torna dispensável o mapa-base, visto que as coordenadas geográficas, escala e orientação são informações secundárias no novo modelo.
- (D) a grande oferta de dados disponíveis para a construção dos mapas é incompatível com a capacidade de armazenamento destes, o que se torna um problema na execução do produto cartográfico.
- (E) os mapas temáticos podem ser construídos levando em conta vários métodos, como para representações qualitativas, ordenadas, quantitativas e dinâmicas, de acordo com as características e forma de manifestação dos fenômenos.



29 Leia o texto.

Antes de as estradas chegarem ao interior da Amazônia no início dos anos 1970, grandes áreas de terra foram concedidas a longo prazo como concessões (aforamentos) para colheita de produtos como seringa (*Hevea brasiliensis*) ou castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*). A terra muitas vezes foi conseguida por “grileiros” com documentos falsificados, em combinação com subornos, ameaças e violência, para obter áreas ilicitamente. Estas irregularidades são facilitadas pelo sistema bizantino brasileiro de inscrição de títulos da terra, onde diferentes cartórios podem arquivar uma variedade de documentos, que datam de períodos históricos diferentes.

Fonte: FEARNside, Philip. Questões de posse da terra como fatores na destruição ambiental na Amazônia brasileira: o caso do sul do Pará. 2001. Disponível em: <http://philip.inpa.gov.br>. Acesso em 18 de novembro de 2017. Adaptado.

Ao tratar do processo de ocupação do território da Amazônia, o autor justifica o problema da questão fundiária pela

- (A) disputa de interesses econômicos associada à fragilidade do sistema de registro de imóveis rurais que contribuíram para os conflitos agrários.
- (B) ausência de tecnologia de precisão com capacidade para o cadastramento dos títulos de terra, o que promoveu o abandono de uma região de dimensão continental.
- (C) dificuldade de acesso à área de floresta densa, o que impediu os levantamentos detalhados dos lotes para seu mapeamento e regularização das terras.
- (D) concentração de terras em poder das populações extrativistas que não permitiam nenhum outro tipo de uso da terra.
- (E) criação de unidades de conservação de proteção integral de propriedade particular, o que retirou as comunidades locais dos seus territórios.

30 Leia o texto.

A Região Hidrográfica do Tocantins e Araguaia é a mais extensa em área de drenagem totalmente contida em território brasileiro e palco de dinâmico processo de desenvolvimento socioeconômico que deverá se intensificar nas próximas décadas em função das demandas nacional e internacional por *commodities*. Por seu caráter estratégico para o país, as potencialidades hídrica, agropecuária, mineral, para navegação e geração de energia serão cada vez mais demandadas.

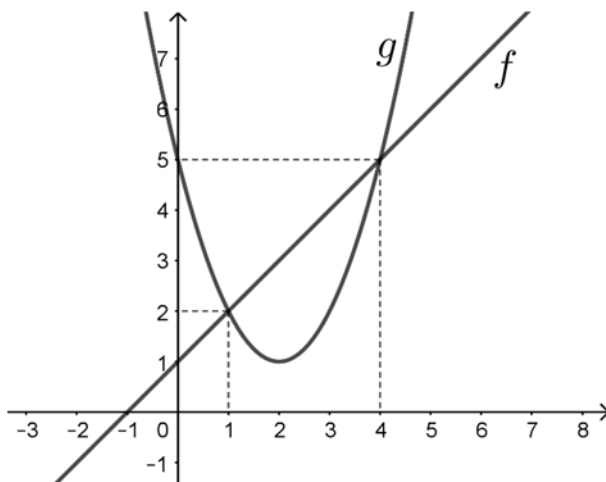
Fonte: Brasil-Agência Nacional de Águas (Brasil). Plano estratégico de recursos hídricos da bacia hidrográfica dos rios Tocantins e Araguaia: relatório síntese / Agência Nacional de Águas. Brasília: ANA; SPR, 2009.

O trecho amazônico da referida bacia é destacado por

- (A) apresentar maior área de extensão e vazão de água, superando as demais áreas de drenagem do país.
- (B) abrigar províncias minerais como Carajás (PA), que detém os maiores depósitos de ferro do mundo e que é conectada ao Porto de Itaqui (MA) pela Ferrovia Carajás.
- (C) predominar como perfil econômico a monocultura da soja e a pecuária, sendo a água da bacia destinada ao abastecimento dessas atividades.
- (D) apresentar a segunda área mais populosa do país com alta densidade demográfica e, conseqüentemente, elevada demanda hídrica.
- (E) nele se investir em saneamento para o crescimento sustentável das cidades sem comprometer os recursos hídricos e a saúde da população.

MATEMÁTICA

31 Considere a seguinte figura, na qual são apresentados os gráficos das funções f e g .



É correto afirmar, acerca da função $h(x) = f(x) - g(x)$, que a

- (A) função h é sempre crescente.
- (B) função h é decrescente no intervalo $[1, 4]$.
- (C) função h nunca se anula.
- (D) função h é positiva no intervalo $]1, 4[$.
- (E) derivada h' é uma função crescente.

32 Acerca da função

$$f(x) = -x^2 + 10x - 16,$$

é correto afirmar que

- (A) seu gráfico é uma parábola côncava para cima.
- (B) a função assume seu valor máximo em $x = 5$.
- (C) a função nunca se anula.
- (D) seu gráfico intersecta o eixo das ordenadas no ponto $(0, 16)$.
- (E) trata-se de uma função decrescente, pois $\lim_{x \rightarrow +\infty} f(x) = -\infty$.

33 O domínio da função

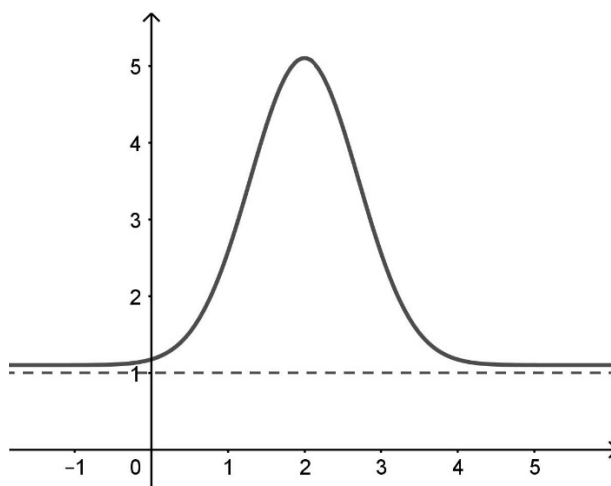
$$h(x) = \frac{\sqrt{x-3}}{x^2 - 6x + 8}$$

é o conjunto

- (A) $\{x \in \mathbb{R} \mid x > 3\}$
- (B) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \geq 3\}$
- (C) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \geq 3 \text{ e } x \neq 4\}$
- (D) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \neq 2 \text{ e } x \neq 4\}$
- (E) $\{x \in \mathbb{R} \mid x \neq 2 \text{ e } x \neq 3 \text{ e } x \neq 4\}$



34 Observe o gráfico da função f abaixo.



A alternativa que corresponde a uma afirmação correta é

- (A) a função é sempre côncava para baixo.
- (B) a função atinge seu valor máximo em $x = 2$.
- (C) a função assume valores negativos para $x < 1$.
- (D) $\lim_{x \rightarrow 1} f(x) = +\infty$.
- (E) $\lim_{x \rightarrow 1} f(x) = -\infty$.

35 O limite

$$\lim_{x \rightarrow +\infty} \frac{x^5 - 5x^3 + 6}{3x^5 + 8x^4 + 3}$$

é igual a

- (A) $1/3$.
- (B) 2 .
- (C) $5/3$.
- (D) $1/7$.
- (E) $-5/8$.

36 Seja $f: (a, b) \rightarrow \mathbb{R}$ uma função **derivável** e seja $c \in (a, b)$ um ponto do domínio de f . Acerca da derivada $f'(c)$, é **incorreto** afirmar que

- (A) $f'(c)$ representa a taxa de variação infinitesimal da função f .
- (B) $f'(c)$ é o coeficiente angular da reta tangente ao gráfico da função f , no ponto $(c, f(c))$.
- (C) $f'(c)$ representa o valor máximo que f assume.
- (D) $f'(c) = \lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(c+h) - f(c)}{h}$.
- (E) $f'(c) = \lim_{x \rightarrow c} \frac{f(x) - f(c)}{x - c}$.



37 A derivada da função

$$f(x) = x^4 e^x$$

é a função

- (A) $f'(x) = 4x^3 e^x$.
- (B) $f'(x) = 4x^3 e^{x-1}$.
- (C) $f'(x) = 4x^4 e^{x-1}$.
- (D) $f'(x) = (4x^3 + x^4) e^x$.
- (E) $f'(x) = (4x^3 + x^4) e^{x-1}$.

38 Considerando a função

$$g(x) = (2x - 5)^{10},$$

o valor de sua derivada, calculada em $x = 3$, $g'(3)$, é igual a

- (A) 0.
- (B) 1.
- (C) 2.
- (D) 10.
- (E) 20.

39 A reta tangente ao gráfico da função

$$f(x) = 2x^3 - x^2 + 4,$$

no ponto de abscissa $x = 1$, possui equação

- (A) $y = 4x + 1$.
- (B) $y = 4x + 5$.
- (C) $y = 6x - 2$.
- (D) $y = 6x + 5$.
- (E) $y = 6x^2 + 5$.

40 A **posição** de uma partícula, em movimento retilíneo, é dada pela função

$$s(t) = 2t^3 - 5t^2 + 3t,$$

em que o tempo t é dado em horas e a posição s é dada em quilômetros. A **aceleração** desta partícula será dada então pela função

- (A) $a(t) = \frac{t^4}{2} - \frac{5t^3}{3} + \frac{3t^2}{2}$
- (B) $a(t) = 2t^2 - 5t + 3$
- (C) $a(t) = 2t - 5 + \frac{3}{t}$
- (D) $a(t) = 6t^2 - 10t + 3$
- (E) $a(t) = 12t - 10$